

*Nascentes***OS DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
EM UM CENÁRIO PANDÊMICO***Daniela Aparecida Araujo Alves Malaguti**Adriane Martins Couto Rodrigues**Diógenes Cândido de Lima*

RESUMO: No cenário pandêmico da COVID-19 surgiram novas formas de trabalhar, estudar e viver em sociedade. Na Educação, os impactos da pandemia causaram adaptações e reinvenções. Diante disso, esse artigo objetivou analisar e refletir criticamente as possibilidades, bem como, os obstáculos que os alunos, pais e profissionais da área têm enfrentado. Foi percebido que, nesse contexto pandêmico, a Escola precisa de políticas públicas capazes de mitigar todo o impacto causado, sendo necessário remodelar o currículo vigente de modo a atender as necessidades de alunos, professores e demais demandas atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de inglês; Educação virtual; Pandemia; Desafios; Adaptação.

Considerações iniciais

Nos últimos meses, frente à pandemia da COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, muitas mudanças têm ocorrido no mundo. As pessoas precisaram se adaptar para trabalhar em *Home Office*, viver em isolamento dentro de suas próprias casas sem data prevista para término e estudar de forma remota, *online* ou virtual como pode ser definido o ensino não presencial.

Neste artigo, utilizaremos os termos, anteriormente citados, relacionados ao ensino remoto como sinônimos, fazendo a distinção dos cursos Educação a Distância (EaD), modalidade já adotada há alguns anos e que é diferente do que queremos abordar, por ser um ensino previamente elaborado, com materiais e aulas já definidas. Giolo (2018) aponta que os primeiros dados de EaD surgiram no Brasil em 2000, com base nos relatórios estatísticos do Censo da Educação Superior do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Como aponta a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a crise sanitária vivenciada pela COVID-19 afetou mais de 90% dos estudantes do mundo com o fechamento de escolas e universidades. Além disso, Audrey Azoulay,

diretora-geral da UNESCO, salientou que o ensino à distância *on-line* não pode ser o único recurso utilizado, já que ele pode acentuar as desigualdades existentes já vistas nos ambientes escolares.

Em relação à educação nos países da América Latina e Caribe os impactos podem ser bem maiores e atingir as crianças mais pobres, conforme relatório do *Grupo Banco Mundial*. Segundo o relatório, estas crianças ao concluir o ensino fundamental talvez não consigam ler e compreender um simples texto, aumentando a linha de base de 51% para 62,5%, representando mais de 7,6 milhões de crianças “pobre de aprendizagem” o que nos deixa extremamente preocupados com o rumo que a educação está levando. É notório que as pessoas mais vulneráveis estão sofrendo mais, exacerbando a falta de igualdade na sociedade.

Outro ponto importante a ser levado em consideração relaciona-se com a adaptação, uma das palavras em destaque no ano de 2020, 2021 e continua em 2022. Tanto professor, aluno, quanto os próprios pais estão vivenciando um momento de adequação para essa nova realidade de pandemia. Quem ainda não se adequou é necessário fazê-lo mesmo porque não se sabe quanto tudo normalizará, mesmo sendo para um novo normal. Entretanto, não é algo fácil de colocar em prática, pois em pleno século XXI a desigualdade social vigora em nossas cidades.

Diante dos pontos mencionados, temos por objetivo geral analisar os impactos provocados pela pandemia na área social, educacional e psicológica que iniciou em 2020 e perdura até 2022, sem previsão, por hora, de findar. Com o propósito de alcançarmos o objetivo geral elencamos três objetivos específicos que são: i) refletir como os professores, pais e alunos estão se adaptando com este cenário desafiador do ensino não presencial; ii) analisar as novas modalidades de ensino: ensino síncrono, assíncrono e híbrido; iii) compreender como as aulas de língua estrangeira têm sido abordadas de forma remota.

Acreditamos que refletir sobre estas questões, tão importantes para a sociedade, contribuirá para o esclarecimento de dúvidas e nos fará compreender que os desafios que hoje são enfrentados, são reflexos advindos de longos anos de desigualdade social que impera no mundo, e apenas foi acentuada com a crise sanitária da COVID-19, e que novos rumos na educação podem ser tomados diante das adaptações que já estão sendo implementadas.

O cenário pandêmico da COVID-19

Em um dia comum nos deitamos para dormir e ao amanhecer de outro dia nos deparamos com manchetes nos noticiários reportando os primeiros casos de contágio pelo novo coronavírus no país. Ficamos estarecidos, mas muitos comentavam que esta situação era

passageira. Outros nem sabiam que o “corona” estava circulando pelas principais capitais do Brasil. A vida parecia seguir seu curso normal, adultos trabalhando, crianças estudando, jovens iniciando novo semestre nas graduações, quando, mais uma vez, os jornais nos surpreenderam noticiando o aumento dos casos da doença e a necessidade da paralisação de muitas atividades e o que mais se ouviu falar naqueles tempos, não tão remotos, foi o “#fique em casa”.

O “#fique em casa” não iria durar muito, diziam as autoridades de várias áreas do conhecimento, perduraria apenas o tempo suficiente para conter a propagação do vírus, cerca de um mês aproximadamente. Contudo, todas as projeções nos surpreenderam, algumas atividades consideradas como essenciais voltaram a acontecer em um “novo normal”. Mas as escolas continuaram fechadas. Muitos educadores de vários cantos do Brasil começaram a se incomodar com a ideia das escolas fechadas, outros nem tanto, o fato é que foi necessário tomar alguma atitude quanto a essa situação. Foi então que começaram as primeiras discussões e planejamento das aulas remotas.

Impactos sociais, educacionais e psicológicos decorrentes da pandemia

Com o “novo normal”, a vida de milhares de pessoas não apenas no Brasil, mas mundialmente, sofreu grandes impactos de naturezas diversas: muitos perderam os empregos, famílias perderam entes queridos, crianças animadas com o início do ano letivo ficaram desapontadas com o fato das aulas não iniciarem após o fechamento das escolas, jovens impedidos de iniciarem novos projetos, alunos, próximos de concluir o Ensino Médio, aflitos por não saberem se iriam receber seu diploma naquele ano, comércio fechado, a “Mercearia do Seu João” com mais de 30 anos de existência no bairro já não conseguia conciliar as contas e precisava fechar as portas, o Pedro que atendia os clientes de Seu João perdeu o seu emprego, famílias com fome, hospitais lotados, guerra política-ideológica, uso de máscara como único meio de prevenção contra o vírus, proibição de aglomerações, grupos de risco, *fake-news* etc.

O cenário resumidamente descrito anteriormente causou aflição em muitas pessoas, e os impactos de natureza social, educacional e psicológicos afetaram o comportamento e estilo de vida de muitos brasileiros. O convívio social foi reduzido, muitas pessoas ficaram meses sem visitar os seus familiares e amigos, muitos filhos ficaram distantes de seus pais já idosos para evitar um possível contágio, as manifestações religiosas também precisaram se adequar à novidade do vírus, não ocorreram mais festas, o desemprego, a fome, o caos na saúde e as ideologias político-partidárias afetaram a vida de muitos brasileiros. Estas questões

sociais acarretaram transtornos psicológicos que são ainda pouco divulgados, mas cada indivíduo que esteve/está inserido neste contexto, pode/poderá revelar as consequências, mesmo que em menor escala, das situações vividas nestes tempos de pandemia.

Os impactos apresentados anteriormente foram percebidos em curto prazo, mas sabemos que as implicações a longo prazo chegarão e o somatório dos prejuízos poderão ser ainda maiores do que o que já se levanta. Educacionalmente falando, já existem estudos que revelam impactos de diversas ordens na vida dos estudantes e professores. Um estudo desenvolvido pelo Instituto Unibanco e por economistas do Insper, por exemplo, chamado de “Perda de aprendizagem na pandemia” mostra que

a defasagem na assimilação de conhecimento, em decorrência do fechamento de escolas e da baixa eficiência do ensino remoto oferecido ao conjunto de estudantes de escolas públicas de ensino fundamental e médio, pode gerar uma perda de R\$ 700 bilhões na renda desses jovens durante sua vida profissional. (QUEIROZ, 2021, p.01)

Segundo o *Grupo Banco Mundial*, “A pandemia da COVID-19, sem dúvida, é o maior choque mundial sofrido pelos sistemas educacionais na História” (GRUPO BANCO MUNDIAL, 2021, p.3). Há perdas significativas relativas à aprendizagem de português, de matemática e outras disciplinas que compõem o currículo escolar. Na alfabetização, a habilidade de leitura poderá ser fortemente comprometida no mundo pós-pandemia e prejudicará todo o desenvolvimento do aluno ao longo dos anos escolares, é o que aponta o estudo do *Grupo Banco Mundial* (2021, p. 6) sobre a educação na América Latina e Caribe no contexto de pandemia, salientando que “as estimativas iniciais dos efeitos do fechamento das escolas na região são espantosas: essa interrupção pode fazer com que cerca de dois em cada três alunos não sejam capazes de ler ou entender textos adequados para a sua idade”.

Levando em consideração o contexto apresentado anteriormente, estudos como esses nos trazem um alerta e pedem urgência em ações conjuntas para que estas projeções sejam mais brandas, ações que permeiam muitas camadas da sociedade, não apenas a educacional. São necessárias políticas públicas de maiores investimentos na Educação Básica, implicando também na destinação correta dessas verbas nas esferas nacional, estadual e municipal, participação mais ativa das famílias no processo de ensino/aprendizagem, além das políticas de saúde e segurança empregadas ao combate do novo coronavírus, propiciando assim um ambiente escolar um pouco mais saudável para uma tentativa de recuperação do tempo perdido conforme as escolas forem reabrindo suas portas para o ensino presencial.

Perspectiva educacional frente à pandemia do novo coronavírus

Considerando o transtorno no sistema educacional causado ou evidenciado em decorrência da pandemia de COVID-19, foi necessária a tomada de decisão por parte dos membros do corpo escolar de procurar uma maneira de continuar o ano letivo em curso ainda em 2020 e dar prosseguimento as aulas em 2021. De acordo com Silva et al. (2021, p.2), a alternativa adotada tanto por instituições públicas quanto privadas para a continuação do ano letivo de 2020 e o início das atividades escolares em 2021 foi “o ensino por meio de plataformas virtuais, denominado por muitos como aulas remotas, utilizando-se de tecnologias para promover o ensino e seguir com os calendários de atividades letivas”.

Inicialmente, até mesmo leigos no assunto conseguiam notar que a modalidade de ensino remota poderia não funcionar eficazmente, porque além de todos os problemas que a educação pública brasileira já possuía antes da pandemia, somou-se a eles a dificuldade de muitos professores em lidar com as novas ferramentas tecnológicas que a partir de então fariam parte dos recursos metodológicos em seus planos de aula. Acerca disso, Pereira et al. (2020, p.2) afirmam que

a discussão sobre a formação docente nesse período da pandemia se faz necessária pelo motivo das aulas presenciais estarem suspensas e os professores terem que produzir as suas aulas por meio das tecnologias, em muitos casos, não existirá tempo suficiente para capacitar os professores para essa nova demanda que se faz presente. (PEREIRA et al., 2020, p.2)

Além das demandas do corpo docente, enfatizou-se também a questão da desigualdade presente na população do país em relação ao acesso à internet, ao contato direto com computadores, *tablets* e *smartphones*. Por vezes, em uma casa com mais de dois estudantes, havia um único *smartphone* para o acesso às aulas remotas. Assim, o ensino remoto ficou ainda mais difícil de atender as expectativas. Vimos que muitas secretarias de educação desenvolveram maneiras de entregar atividades escolares impressas aos alunos, em algumas escolas havia o dia do responsável pelo estudante ir buscá-las, em uma tentativa de não deixarem os alunos que não possuíam acesso à internet sem participação nas atividades propostas, como foi o caso do município de Caetité localizado no sertão baiano.

Contudo, mesmo considerando, em uma situação mais favorável, que os estudantes tinham essas tecnologias digitais para aula virtual, outro fator surgiu: a falta de concentração por parte dos alunos nas aulas remotas. Percebemos que muitos docentes em conjunto com seus colegiados têm buscado desenvolver práticas que ajudem aos discentes a ter um maior aproveitamento nas aulas *online*. Para isso, desenvolveram as modalidades de ensino síncrona, assíncrona e, mais, recentemente, híbrida.

Analisando o contexto educacional atual, podemos notar como o protagonismo do professor na prática pedagógica virtual foi ainda mais reforçado. Na sala de aula física, o docente podia buscar uma interação mais orgânica, na sala de aula virtual, não há uma sincronia nas locuções e interlocuções. As relações entre professor e aluno sofreram literalmente um distanciamento. Não estamos buscando os bodes expiatórios, mas apenas refletindo como a nova “sala de aula” da pandemia de COVID-19 está configurada.

Assim, é de grande relevância para as práticas de ensino/aprendizagem nos dias atuais que os docentes tenham consciência e exerçam suas atividades buscando refletir sobre sua prática criticamente, levando em consideração o fato de eles serem a “linha de frente” nessa nova modalidade de ensino que foi se configurando em caráter emergencial mesmo não sendo uma total novidade no mundo atual globalizado e tecnológico.

Em vista disso, a prática educacional na perspectiva crítica-reflexiva é um chamado que se faz urgente. Segundo Rajagopalan (2003), as inquietações experienciadas ou reproduzidas em sala de aula, não apenas enquanto espaço acadêmico no seu sentido tradicional, ou seja, aquele lugar onde se confere o saber àqueles que carecem, mas enquanto um reflexo das contradições e tensões vividas fora da escola, vêm despertar no educador à visão crítica relacionada às questões pertinentes ao ambiente educacional e também ao ambiente externo. No entanto sabemos que não prevíamos uma pandemia de coronavírus que mudaria todo o curso da sociedade mundial e, por isso, Silva et al. (2021, p. 4) ratificam que

[...] a realidade em questão chegou de surpresa para todos, os professores tiveram que adaptar todo o seu cotidiano e práticas para atender as demandas educacionais, sem uma formação adequada para lhes garantir o suporte necessário ao desenvolvimento das atividades desempenhadas neste momento. (SILVA et al., 2021, p. 4)

O educador destes tempos, além de levar o conteúdo planejado da sua aula aos alunos, poderá ainda desempenhar outros papéis diferentes de sua função principal, porque os efeitos da pandemia na psique de muitos têm sido perturbadores, ali naquele ambiente virtual, o professor poderá ser surpreendido com uma mensagem no *chat* de aluno que perdeu algum ente querido, ou de algum colega que transmite a informação à turma que outro aluno está pensando em desistir da escola, pois não tem estrutura para aulas nesta nova modalidade. Então, o docente nesta “linha de frente” assume o compromisso de reportar a realidade da comunidade escolar a outras instâncias educacionais. Diante de tais responsabilidades, o professor pode se sentir sobrecarregado e adquirir sintomas de estafa mental, isso é o que temos observado em conversas virtuais informais com colegas docentes.

Deste modo, é inegável que com a pandemia, muitas fraquezas da Educação foram expostas. Conforme salientam Silva et al. (2021, p. 3)

a rapidez com que o cenário educacional mudou em meio a pandemia trouxe um contexto de incerteza e insegurança aos professores, escolas e alunos. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 70% da população estudantil do mundo foi afetada por este momento de instabilidade, tendo suas aulas suspensas e todo o calendário e planejamento dos vários sistemas de ensino alterados. (SILVA et al., 2021, p. 3)

Apesar das incertezas e inseguranças trazidas com a pandemia no âmbito educacional, esperamos que o cenário pós-pandêmico sirva para profundas reflexões e busca de melhoria em relação ao ensino/aprendizagem.

Refletindo sobre as questões abordadas anteriormente, vemos que o mundo pós-pandemia sofrerá grandes transformações. Este será também o momento oportuno para uma reestruturação das práticas e relações educacionais. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), outrora utilizadas como acessórios na prática pedagógica, mostraram-se as principais ferramentas de trabalho tanto dos diretores, coordenadores e professores quanto dos discentes de diversas faixas etárias e graus de escolaridade.

Embora muitas escolas e docentes já fizessem o uso das TICs nas salas de aula, percebemos que, no contexto pandêmico, ainda havia grandes dificuldades quanto ao uso efetivo delas. Muitos professores e alunos não conheciam ferramentas digitais como o *Google Classroom*, por exemplo. Isso revelou como este cenário de ensino remoto impactou diretamente a rotina dos docentes e discentes acostumados com o ambiente escolar presencial. Em relação a esta nova situação, provocada pelo espalhamento do novo coronavírus, que tomou a todos de surpresa, Pereira et al. (2020, p. 2) enfatizam que

a estrutura e o desenvolvimento curricular das licenciaturas incluído os cursos de pedagogia, não têm mostrado inovações e avanços que permitam ao licenciando enfrentar o início de uma carreira docente com uma base consistente de conhecimentos, sejam os disciplinares, sejam os de contextos sócio educacionais, sejam os das práticas possíveis, em seus fundamentos e técnicas. As poucas iniciativas inovadoras não alcançaram expansão ficando restritas às poucas instituições que as propuseram. (PEREIRA et al., 2020, p. 2)

Com a necessidade de as aulas passarem a ser remotas, numa tentativa de minimizar os prejuízos educacionais, o fato dos alunos nascidos na última década (Geração Z) estarem familiarizados com as TICs até pareceu, em um primeiro momento, que a nova modalidade de ensino funcionaria bem, todavia vimos muitos problemas surgirem. Além disso, mesmo que a chamada Geração Z, que segundo Passero et al. (2016, p. 2) é “uma nova geração multitarefa, imediatista e falante da “linguagem digital”, esteja acostumada com a vida nas

redes sociais, boa parte restringe o uso das ferramentas digitais apenas para o lazer, não tem suficiente autonomia para filtrar as informações. Passero et al. (2016) ratificam ainda que a presença do professor é fundamental para que a aprendizagem aconteça, porque o aluno utilizando o computador sozinho, estará diante de um “mar” de informações diversas e poderá se dispersar e realizar atividades não construtivas.

Dessa forma, mais uma vez percebemos o quão importante é um professor atento as mudanças repentinas nas relações de ensino/aprendizagem que não ocorreram apenas com a pandemia em 2020, mas que já são percebidas desde o advento e popularização da internet. Para a Geração Z, no âmbito educacional, identificou-se a necessidade de uma abordagem de ensino voltada ao aluno, enfatizando uma busca de aprendizagem com aspectos autônomos, mas que possui o professor como um coadjuvante, isto é, aquele que ajuda a direcionar os caminhos da aprendizagem (PASSERO et al., 2016).

Em tempos de pandemia, verificamos que a ideia de uma abordagem centrada no aluno, como lembram Passero et al. (2016), de início, pareceu funcionar bem, mas com o passar dos meses no ensino remoto, muitos estudantes deixaram de cumprir compromissos escolares, apesar da flexibilidade de horários para a realização destes, justamente por não se sentirem diretamente “cobrados” pelo professor. Isso evidencia a importância da ressignificação do ensino/aprendizagem em que o professor busque constante formação e não centre a atividade pedagógica na conhecida relação de passagem de conhecimento aos alunos, pois mesmo com autonomia na busca de conhecimento, o aluno terá responsabilidade ao navegar pelas redes digitais dos saberes.

Em contrapartida, o aluno munido de importantes ferramentas da Era Digital deve entender a melhor maneira de utilizá-las no meio educacional. Todas essas questões apenas serão resolvidas através de uma educação digital, não no sentido restrito da palavra em que a aula seja *online* ou que os alunos utilizem *tablets* e *notebooks* em sala de aula virtual ou presencial, mas no sentido do comportamento dos indivíduos na Era Digital.

Acerca disso, o professor possui um papel fundamental, pois esse olhar crítico e responsável em relação ao uso dos recursos digitais pode ser formado pela escola. Nesse sentido, voltamos ao ponto do necessário investimento na Educação Básica, que foi escancarado pela pandemia, para que os docentes estejam sempre atualizados em sua formação e possam atender as reais necessidades dos alunos da atualidade.

Ensino síncrono, assíncrono e híbrido: novas modalidades de educação para o contexto pandêmico

Depois de fazermos importantes considerações sobre o ensino na Era Digital por meio da TICs e as suas implicações, voltaremos nosso olhar para as novas modalidades de ensino criadas nestes tempos de pandemia e que são denominadas de Ensino Síncrono, Ensino Assíncrono e Ensino Híbrido.

Sobre o Ensino Síncrono entendemos que é uma maneira do ensino/aprendizagem ocorrer por meio virtual e simultâneo, ou seja, *online*. As aulas ocorrem em tempo real em alguma plataforma escolhida pela escola ou pelo professor. De acordo com o *site EADBox* (2020),

as ferramentas síncronas [...] são aquelas em que é necessária a participação do aluno e professor no mesmo instante e no mesmo ambiente – nesse caso, virtual. Assim sendo, ambos devem se conectar no mesmo momento e interagir entre si de alguma forma para concluírem o objetivo da aula. (EADBox, 2020)

Atualmente, a ferramenta que se popularizou com as aulas síncronas foi o *Google meet*, mas também são utilizadas outras menos frequentes como o *Zoom* e o *Teams*.

O *Google meet* é um aplicativo da empresa *Google*, o seu uso é compatível com *notebooks*, computadores e *smartphones*, para isso, basta o usuário baixar o aplicativo se a reunião/aula for acontecer via celular, ou abrir o *site* através da barra de pesquisa do *Google* e adicionar o *link* que o responsável pela reunião disponibilizou previamente ou ainda, caso seja o responsável pela reunião, criar este *link* no aplicativo ou no *site* do *meet* e disponibilizar para os demais participantes. Essas atividades são relativamente simples de realizar, visto que os procedimentos dessa plataforma são autoexplicativos. O aplicativo permite videoconferências com até 100 participantes simultaneamente e de forma gratuita, segundo informações da página do *Apps Google*.

Por Ensino Assíncrono compreendemos que é uma maneira dos professores desenvolverem as atividades planejadas com os seus alunos remotamente, mas sem estarem conectados em tempo real, logo o professor poderá passar o roteiro da atividade a ser desenvolvida pelos discentes, determinar um prazo de entrega e assim os alunos poderão escolher em que momento irão realizar aquela tarefa. Com essa modalidade de ensino, segundo o *site EADBox*, “não é necessário que os alunos e professores estejam conectados ao mesmo tempo para que as tarefas sejam concluídas e o aprendizado seja adequado”.

A modalidade de ensino que está sendo implementada recentemente em alguns estados brasileiros é a do ensino híbrido que consiste em parte das aulas ocorrerem presencialmente,

respeitadas as restrições impostas pela COVID-19 e outra parte pode ocorrer de maneira assíncrona ou síncrona.

Educação remota e EaD: faces de uma mesma moeda?

Considerando as três modalidades de ensino anteriormente citadas que ganharam notoriedade com a pandemia do novo coronavírus, voltamos a uma antiga discussão sobre a Educação à Distância, comumente chamada de EaD. Contudo percebemos que as atividades remotas propostas pelas escolas e universidades públicas e particulares do país ainda caminham em grande dificuldade para o que poderíamos considerar como satisfatórias por diversos fatores.

Alunos e professores da rede de educação pública e privada, surpreendidos por este cenário pandêmico, viram-se inseridos na modalidade de ensino EaD repentinamente e com pouca ou nenhuma estrutura. O que foi percebido com essa nova realidade é que aquele ensino à distância, muitas vezes desacreditado por boa parte de brasileiros, passou a ser observado com outros olhos e imitado pelas escolas e universidades espalhadas pelo país.

Entretanto, notamos que a Educação remota emergencial apresentou diferenças claras em relação ao famigerado EaD. Podemos dizer que as duas modalidades são faces de uma mesma moeda, isto é, são formas de ensino/aprendizagem que utilizam de novas tecnologias para o desenvolvimento de suas propostas de ensino, mas com suas particularidades. O que vimos, na prática, acontecer no Brasil nestes tempos de pandemia foram alunos e professores do EaD continuarem as suas atividades sem impactos diretos e assim muitos inclusive concluíram suas formações à distância.

Segundo o *Portal EBC*, em matéria publicada dia 23 de junho de 2021, a modalidade de Educação a Distância indica perspectiva de crescimento mesmo depois da pandemia. De certa forma, o preconceito estabelecido em outros tempos em relação à EaD foi perdendo força quando os alunos e professores foram obrigados pela circunstância atual a continuarem suas atividades educacionais à distância.

Enquanto a EaD continuou suas atividades durante a pandemia, as instituições públicas e privadas de ensino sofreram diretamente com os impactos trazidos à sociedade de modo geral pelo novo coronavírus. Inicialmente tiveram suas atividades canceladas e com a probabilidade distante de volta às aulas presenciais, investiram em caráter emergencial no ensino remoto. Mesmo com todos os percalços e dificuldades, no fim, o país se viu em uma “imersão EaD” no campo educacional, e esta foi a única forma possível de continuar as atividades escolares no chamado “novo normal”.

O desafio do ensino de língua estrangeira na modalidade remota

As atividades educacionais no Brasil, de modo geral, sofreram profundamente os impactos causados pela pandemia. Com o avanço da doença pelo país, as escolas e universidades públicas e privadas precisaram se adaptar à situação imposta pelo vírus e passaram a desenvolver suas atividades remotamente. É possível afirmar que todas as áreas de formação sofreram impactos, mas com o desafio de continuar o que foi planejado para o ano letivo e na tentativa de minimizar os prejuízos das instituições de ensino fechadas, os profissionais se reinventaram e seguiram da maneira como foi possível o planejamento juntamente com os seus alunos.

Nas esferas de formação, diversas disciplinas precisaram revisar as suas ementas e adaptá-las ao novo cenário. Citando um exemplo para ilustrar estes impactos, temos a realidade do ensino de língua estrangeira na modalidade remota em que os docentes precisaram exercitar a criatividade e se valerem das novas tecnologias, que outrora já eram utilizadas nas salas de aula de línguas, mas de maneira acessória e no novo contexto se tornaram protagonistas no processo de ensinar/aprender línguas estrangeiras.

Contextualizando o ensino de inglês no Brasil

Não é de se estranhar que o ensino de língua estrangeira no nosso país vem enfrentando desafios e percalços ao longo dos anos, sobretudo quando mencionamos o ensino público. Conforme uma pesquisa do *Instituto de Pesquisas Plano CDE*, realizada para o *British Council* no ano de 2015, relata que o ensino de língua estrangeira pertencente à parte diversificada da Base Curricular Comum, pode ter um papel marginal dentro da grade curricular, quando comparada com outros componentes curriculares que fornecem uma carga horária bem maior.

Para além deste problema, outros se juntam agravando a situação: excesso de alunos por sala, turmas que estão desniveladas, sem recursos didáticos, estudantes com dificuldade em leitura e escrita, salário baixo dos funcionários o que proporciona desmotivação, além da localização das escolas públicas em que muitas vezes se encontram em locais com alta vulnerabilidade social gerando casos de violência dentro e fora da escola, de acordo o *British Council*.

Outro dado interessante reportado pelo *British Council* é o perfil dos professores de inglês. A partir de dados do *Censo em Educação Básica* de 2013, 87% dos professores de inglês possuem ensino superior o que representa alta escolaridade. Entretanto, apenas 39% são

formados em língua inglesa o que pode ser um dos fatores para a dificuldade que alguns docentes enfrentam com o próprio componente curricular.

A aula de inglês, diferentemente de outras disciplinas, requer planejamento específico, com particularidades que facilitem a aprendizagem e atraia os estudantes. Para os professores pesquisados pelo *British Council*, o inglês requer ludicidade e interatividade entre os alunos com o intuito de gerar mais envolvimento com a língua. Além disso, o uso das TICs a exemplo dos computadores pessoais, *smartphones*, câmeras, são recursos tecnológicos indispensáveis para as aulas, recursos tais que muitas vezes são escassos nas escolas.

A criatividade como principal abordagem nas aulas remotas de língua estrangeira

Diante desta crise sanitária que ainda estamos vivendo, os recursos tecnológicos mostraram mais do que nunca que a educação necessita investir nesta área. Com o isolamento social e a necessidade de manter de alguma forma o ensino, aumentou significativamente o uso dos computadores, *tablets*, *smartphones* e aplicativos diversos, como o *Google Meet* e *Zoom* para as reuniões e aulas remotas.

Quem não estava habituado com estes recursos precisou se adaptar e reinventar o uso, como é o caso do *smartphone* em que as pessoas utilizavam para obter diversos entretenimentos, acessos às redes sociais, jogos, plataformas de vídeo, música e nos últimos meses começaram a usar para participar ou ministrar aulas – os que conseguiram acesso à internet, algo que ainda não está presente em todo lar. Conforme dados do *Grupo Banco Mundial*, menos de 43% das escolas do ensino fundamental e 62% do secundário não dispõem de acesso à internet na América Latina e Caribe. Dito isto, percebe-se que ainda há barreiras para serem rompidas.

De forma emergencial, para não dizer do dia para a noite, os professores precisaram remodelar o ensino e apelar para a criatividade para que as aulas, principalmente as de inglês, fossem compartilhadas. Levando em consideração que as aulas presenciais de inglês já têm um caráter mais dinâmico e necessitam normalmente de uso dos recursos tecnológicos, podemos dizer que os professores de língua estrangeira tiveram outras opções de ensino para apresentar aos seus alunos. Desde a assistir filmes, entrevistas e séries no *Youtube* ou outra plataforma de *streaming*, a participar de aplicativos de ensino da língua.

É visível que os alunos ficaram ainda mais próximos dos seus *smartphones* e o que antes era proibido na sala de aula, manusear o celular no momento da aula, tornou-se necessário neste novo cenário. Do outro lado da cena, os professores que não tinham muita familiaridade com os recursos tecnológicos procuraram se inteirar e fazer parte desta nova modalidade de ensino que pode perdurar por um bom tempo.

De acordo informações disponíveis no *Observatório para o Ensino de Língua Inglesa* (plataforma coordenada pelo *British Council*), o uso dos recursos tecnológicos deve aumentar após a pandemia. Segundo eles, as ferramentas digitais conseguem potencializar o aprendizado e nestes últimos meses ela foi essencial. Conforme uma pesquisa do *Comitê Gestor da Internet no Brasil* (CGI.br) para a 3ª edição do *Painel TIC COVID-19*, 82% dos usuários de internet que estão matriculados em escolas e universidade e com 16 anos ou mais acompanharam as aulas remotamente durante a pandemia.

Neste mesmo *Observatório* é possível ver considerações feitas por professores de língua inglesa que fizeram uso e aprovam o uso das TICs na sala de aula como meio de enriquecer e facilitar o ensino. A supervisora e professora de inglês de um Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia, no Distrito Federal, menciona que as novas tecnologias favorecem o acompanhamento do que acontecem ao redor do mundo através de entrevistas, textos, vídeos, até mesmo em tempo real, o que é uma vantagem sem precedentes. Corroborando com esta ideia, uma consultora em ensino de inglês de São Paulo destaca que as ferramentas disponibilizadas pelas tecnologias podem contribuir com as habilidades linguísticas: leitura, conversação, compreensão oral e escrita.

Outra entrevistada, uma professora da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, salienta que é necessário o professor remodelar suas aulas de inglês fazendo que ela seja mais interativa, escolhendo os melhores aplicativos e plataformas disponíveis, para que os alunos se sintam mais engajados uns com os outros e com a língua. De acordo com ela, este ainda é um trabalho a ser criado e desenvolvido.

A criatividade está sendo fundamental para os docentes nesta pandemia. Segundo um professor de língua inglesa de um instituto federal em Cachoeiro de Itapemirim, em sua entrevista para o *Observatório*, compartilhou que desde o início de sua trajetória escolar sempre procurou trabalhar com as metodologias ativas fornecendo aulas mais interessantes e dinâmicas. Antes da pandemia, uma de suas estratégias era a sala de aula invertida: os alunos se preparavam em casa com o material que ele fornecia previamente e depois na sala as atividades eram realizadas, por meio de compartilhamento das ideias com toda a turma.

Com a chegada da pandemia e a necessidade do distanciamento social, o uso dos recursos digitais foi de fundamental importância para continuar a interação das aulas presenciais. O professor começou a utilizar fóruns para que os alunos através da escrita e de jogos *online* pudessem interagir. Ele ainda revela que uma ferramenta muito útil é o *ChatClass*, uma plataforma oficial da Olimpíada de Inglês, e através do *WhatsApp* disponibiliza atividades para que os participantes possam treinar a leitura, escrita, fala e compreensão.

Já que, como dizem por aí que, dica boa é dica compartilhada, seguem mais algumas dicas para alavancar as aulas de línguas conforme experiências relatadas. Dessa vez o entrevistado do *Observatório* foi um professor que leciona para o ensino fundamental e médio no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Com experiência de 7 anos, ele conta que em sua didática para a sala de aula fazia uso, e continua fazendo, das metodologias ativas, abordagem que sempre o atraiu. Adepto das tecnologias no ensino, o professor faz uso da aprendizagem baseada em projetos, trabalhando com as redes sociais como o *Facebook* e *Instagram* além de outras mídias. Além disso, incentiva os alunos a utilizarem aplicativos como *Duolingo*, *Memrise* e *Hello English*, por serem gratuitos e fáceis de usar.

Durante a pandemia o professor solicitou a produção de vídeos em referência ao Setembro Amarelo, campanha à prevenção ao suicídio, e posteriormente foi postado nas redes sociais. Além disso, fez uso de séries e trechos de filmes com o intuito de mostrar aos alunos a aplicação prática da língua e ajudá-los na compreensão auditiva. Segundo ele, o acesso às informações acontece de forma mais rápida com os alunos, e muitos deles podem aprender por conta própria tendo o *Google* e *Youtube* como auxílio, indo além das aulas engessadas, que conforme ele, pouco atrai os alunos.

Como conselho, o professor sugere que quem quer começar a trabalhar com a metodologia ativa busque informações sobre o tema na internet. Por mais que os alunos tenham uma infinidade de conteúdo à sua disposição é necessário saber filtrar e analisar tudo que é visto. Sendo importante que o docente encaminhe e ajude a turma no que for necessário para promover a autonomia e responsabilidade na busca e coleta de dados e informações.

As principais dificuldades enfrentadas nas aulas remotas de língua estrangeira

Sabemos que na vida não encontramos apenas facilidades, as dificuldades fazem parte do conjunto e na educação, durante a pandemia, elas se fizeram presente acentuando os problemas que já existiam e que convivíamos com eles dia após dia, muitas vezes sem dar o devido valor. De uma hora para outra a crise sanitária provocou uma série de mudanças e que foram sentidas com mais intensidade na classe mais vulnerável da sociedade.

Conforme dados do *Observatório*, desde março de 2020 quando iniciou a pandemia no Brasil, cerca de 48 milhões de estudantes da Educação Básica que antes estavam nas escolas, passaram a estudar de suas casas e 2,2 milhões de professores começaram a dar aulas virtualmente. Os efeitos reais desta mudança só serão percebidos daqui alguns anos.

No entanto, a pesquisa aponta que o despreparo e falta de formação do professor para trabalhar com os recursos digitais pode prejudicar a efetividade do ensino, as escolas ainda estão despreparadas com o uso dos recursos tecnológicos, assim como os alunos. Tudo isso

em longo prazo pode favorecer o aumento da desigualdade social, educacional e econômica do país.

Conforme é relatado no *site*, uma pesquisa que o *Instituto Península* desenvolveu com 7 mil professores das redes públicas e privadas da Educação Básica, do período compreendido entre março e novembro de 2020, apontou que 79% deles relatam que o problema principal é falta de infraestrutura e conectividade na casa dos alunos, o que dificulta a interação entre a turma. Cerca de 80% dos professores tiveram contato com os estudantes apenas pelo celular, fazendo uso do aplicativo *WhatsApp* limitando as possibilidades de ensino. Ainda segundo a reportagem, a falta de recursos mais adequados para as aulas, como um computador, compromete o aprendizado.

Nota-se que na pesquisa 83% das famílias dos estudantes analisados recebe no máximo um salário mínimo mensalmente. Praticamente 80% destes podem acessar a internet, entretanto dois terços deles não dispõem de computador, e metade consegue acesso pelo celular. Ainda de acordo a reportagem, para a especialista em Ciências da Educação, María Del Carmen Chude, o celular é uma ótima ferramenta para comunicação entre professor e aluno, mas não é adequado para a leitura e produção de textos.

Conforme dados do *Painel TIC COVID-19*, as desigualdades digitais se tornaram notórias durante o ensino remoto. Na pesquisa, os alunos com 16 anos ou mais que frequentavam escolas ou universidades pertencentes às classes mais baixas chamadas DE (54%) faziam uso do celular para as aulas, enquanto que o uso predominante do computador e *tablet* nas classes mais altas, intituladas de AB, eram maiores (66%). O mesmo vale para os professores e demais profissionais. Isto aumenta a disparidade na aprendizagem já que as oportunidades de ensino fornecidas pelas TICs estão sendo diferentes a depender do nível social e econômico de quem faz uso.

Outra barreira encontrada no ensino remoto diz respeito às dificuldades que os alunos encontram para esclarecer as dúvidas com os professores, além da falta de estímulo para estudar, e a falta ou baixa qualidade de acesso à internet, como aponta o relatório do *Painel TIC COVID-19*.

Todos estes problemas se tornaram agravantes para muitos profissionais do ensino de línguas, que diferentemente do tópico anterior, as aulas remotas provocaram prejuízos para o bom andamento da aula, seja pela falta de estrutura ou de interatividade entre os participantes e professores. Em entrevista ao *Observatório* uma professora de língua inglesa da Secretaria de Estado da Educação de Goiás salientou que os recursos digitais utilizados para o prosseguimento das aulas comprometeram a interação entre aluno e professor.

Mesmo tentando remodelar o ensino e o currículo, algumas lacunas foram ficando abertas. A professora menciona na entrevista que durante as aulas de língua inglesa pelo *Teams* e *Zoom*, a interação não foi mantida. Os diálogos que aconteciam nas aulas presenciais em inglês foram substituídos pela língua portuguesa. Ela relata que de forma presencial os alunos já tinham um pouco de timidez, mas que isso ficou mais visível com as aulas remotas já que é necessário se comunicar em frente às câmeras, gerando uma inibição bem maior.

Corroborando com outros professores, ela ainda acrescenta que a falta de recursos afetou o prosseguimento das aulas. Muitos alunos deixaram de assistir as aulas, pois não tinham um computador em casa. Já outros possuíam um *smartphone*, mas não tinham acesso à internet. Além disso, o professor não poderia fazer as atividades apenas na plataforma, pois muitos alunos não tinham dinheiro para ir até uma *lan house* fazer o *download* das atividades, responder em suas casas e depois postar na plataforma de ensino.

Diante desses desafios, a professora destaca que realizaram pesquisas com as famílias para averiguarem os problemas e tentar amenizá-los. A partir disso, as escolas do Estado de Goiás e de outros começaram a fornecer materiais impressos e disponibilizar locais que os alunos pudessem ir, em horários predefinidos, para acessarem a internet. Com isso alguns alunos que havia trancado a matrícula retornaram. O contato através do *Whatsapp* com as famílias foi indispensável nesse processo. As atividades continuaram sendo postadas no *Google Classroom* e as famílias que não tinham condições de usar as ferramentas digitais em casa começaram a ir até a escola baixar o material e levar para casa. Esta ação se estendeu para os estudantes da zona rural, e das comunidades indígenas e quilombolas, no entanto, estes recebem os materiais em sua própria região e após finalizarem as atividades podem devolver nos locais onde retiraram.

Outras iniciativas foram sendo realizadas com o intuito de tentar manter o aluno em contato com a língua e de deixá-los motivados frente a tantos problemas desencadeados e acentuados nestes últimos meses. Segundo a professora, é necessário que o aluno assuma responsabilidades por sua própria aprendizagem, desenvolvendo disciplina e autonomia no contato com a língua inglesa. Para ela, um bom aprendiz de línguas precisa se desenvolver neste sentido. Por fim, acredita que estes desafios têm trazido reflexões para os profissionais, que veem novas possibilidades de mudança na abordagem de ensino de línguas nas aulas.

Considerações finais

O cenário inédito vivenciado pela população mundial em razão da pandemia da COVID-19 está trazendo reflexões para todos, seja na área pessoal, familiar, educacional ou profissional. As pessoas tiveram que reinventar e remodelar as formas como estão vivendo.

Novas mudanças e adaptações marcaram nossa vida desde 2020 e continua em 2022. Cenários de incertezas e desafios ainda perpassam pelos nossos pensamentos sem saber ao certo como lidaremos após a pandemia e com o novo normal.

Sabemos que todos foram impactados por esta crise sanitária, entretanto um reflexo maior foi sentido na classe social mais vulnerável, sem condições sanitárias, higiênicas e estruturais. Vemos diariamente pessoas passando por necessidades básicas de alimento e saúde. Consequentemente, atinge a educação. Pais com vários filhos, sem computador ou acesso à internet para assistir as aulas remotas e fazer as atividades. Dificuldades como estas foram acentuadas na pandemia e as desigualdades sociais se tornaram ainda mais visíveis.

A falta de estrutura no país ainda é grande. Novas formas de ensino e aprendizagem precisam ser levadas em consideração. A tendência quanto ao uso das ferramentas digitais é aumentar ao longo dos anos e o governo precisará fornecer, através de políticas públicas, meios de fortalecer e integrar a população desde a mais vulnerável àquelas com boas condições sociais e financeiras. Acreditamos que os currículos precisarão ser analisados e readequados às novas mudanças que forem surgindo.

Conforme apontamento do *Grupo Banco Mundial*, esta situação, por mais difícil que seja, serviu para mostrar que podem surgir novas oportunidades para construir outros rumos para a educação e torná-los mais resilientes, eficientes e igualitários. Depois de passar por tantos desafios, e aprender com os erros, talvez seja necessário ressignificar os conceitos engessados e imutáveis de anos. Os tempos mudaram e novas perspectivas são e serão bem-vindas.

THE CHALLENGES OF ENGLISH LANGUAGE TEACHING IN A PANDEMIC SCENARIO

ABSTRACT: In the COVID-19 pandemic scenario new ways of working, studying and living in society have emerged. In Education, the impacts of the pandemic caused adaptations and reinventions. So, this article aimed to analyze and critically reflect the possibilities, as well as the obstacles that students, parents and professionals in the area have faced. It was noticed that, in this pandemic context, the school needs public policies capable of mitigating all the impact caused, being necessary to remodel the current curriculum in order to meet the needs of students, teachers and other current demands.

KEY-WORDS: Adaptation; Challenges; Pandemic; English Teach; Virtual education.

REFERÊNCIAS

- APPS GOOGLE. *Como realizar videoconferências com o Google Meet*. Disponível em: <<https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/how-it-works/>>. Acesso em 09/08/2021.
- BRITISH COUNCIL. O ensino de inglês na escola pública brasileira. *Instituto de Pesquisas Plano CDE*. São Paulo: 1ª edição, 2015.

CANAL FUTURA. *Impactos da pandemia na educação*. Disponível em: < <https://www.futura.org.br/impactos-da-pandemia-na-educacao/> > Acesso em: 03/08/ 2021.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus*: Painel TIC COVID-19. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021.

EADBOX. *Diferenças entre ferramentas síncronas e assíncronas no EAD*. 2020. Disponível em: <<https://eadbox.com/ferramentas-sincronas-e-assincronas/>>. Acesso em 09/08/2021

GIOLO, Jaime. Educação a Distância no Brasil: a expansão vertiginosa. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - RBP/ AE* - v. 34, n. 1, p. 073 - 097, jan./abr. 2018.

GRUPO BANCO MUNDIAL. *Agindo Agora para Proteger o Capital Humano de Nossas Crianças*. 2021. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/35276>>. Acesso em: 03/08/2021.

OBSERVATÓRIO PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. *Aprendizagem limitada e prejuízos na oralidade são alguns dos impactos da pandemia no ensino de inglês*. Disponível em: <<https://www.inglesnascolas.org/headline/aprendizagem-limitada-e-prejuizos-na-oralidade-sao-alguns-dos-impactos-da-pandemia-no-ensino-de-ingles/>>. Acesso em: 05/08/2021.

_____. *Minha experiência trabalhando com turmas heterogêneas por meio das metodologias ativas*. Disponível em: <https://www.inglesnascolas.org/experience/minha-experiencia-trabalhando-com-turmas-heterogeneas-por-meio-das-metodologias-ativas/>>. Acesso em: 05/08/2021.

_____. *Minha experiência: mídias digitais como recursos para o ensino de inglês*. Disponível em: < <https://www.inglesnascolas.org/experience/minha-experiencia-midias-digitais-como-recursos-para-o-ensino-de-ingles/> > Acesso em: 13/08/2021.

_____. *Uso de recursos tecnológicos no ensino de línguas deve crescer no pós-pandemia*. Disponível em: <<https://www.inglesnascolas.org/headline/uso-de-recursos-tecnologicos-no-ensino-de-linguas-deve-crescer-no-pos-pandemia/>>. Acesso em: 03/08/2021.

PASSERO, Guilherme; ENGSTER, Nélia Elaine Wahlbrink.; DAZZI, Rudimar Luís Scarranto. Uma revisão sobre o uso das TICs na educação da geração Z. *Renote - Novas Tecnologias na Educação*, v. 14, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/download/70652/40081>>. Acesso em: 04/08/2021

PEREIRA, Marcio Donizeti; BARROS, Edjane Angelo. A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. *Scientia Vitae*, v.9, n.28, p. 1-7, abr. /jun. 2020.

Disponível em: < <http://www.revistafsp.com/v9n2817.pdf>>. Acesso em: 03/08/2021

Portal EBC. *EAD em faculdades particulares deverá crescer mesmo depois da Pandemia*. 2021.

Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2021-06/ead-em-faculdades-particulares-devera-crescer-mesmo-depois-da-pandemia>> . Acesso em 11/08/2021.

QUEIROZ, Christina. Educação na pandemia. *Revista Pesquisa Fapesp*, 08 de junho de 2021. Disponível em: < <https://revistapesquisa.fapesp.br/educacao-na-pandemia/> > . Acesso em: 03/08/2021.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SILVA, Maria José Sousa da; SILVA, Raniele Marques da. Educação e ensino remoto em tempos de pandemia: desafios e desencontros. E-book: *Educação como (re)Existência*:

mudanças, conscientização e conhecimentos - Volume 03. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 827-841. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74287>>. Acesso em: 03/08/2021.

UNESCO. *Comissão Futuros da Educação recomenda planejamento para reduzir desigualdades após COVID-19*. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/85688-comissao-futuros-da-educacao-recomenda-planejamento-para-reduzir-desigualdades-apos-covid-19>>. Acesso em: 03/08/2021.

Recebido em: 20/04/2022.

Aprovado em: 19/06/2022.